

Piaia, Gregorio, *Sapienza e follia. Per una storia intellettuale del Rinascimento europeo*, (Clavis, 2) Scuola Normale Superiore Pisa, Pisa 2014; 452 pp. + VII estampas a p/b; ISBN: 978-88-7642-564-6.

Os estudos coligidos neste volume foram originalmente escritos entre 1990 e 2013, excepto dois deles, até agora inéditos. Publicados em revistas, volumes de homenagem ou de Atas dos encontros onde tinham sido apresentados, nem sempre fáceis de encontrar, estão agora reunidos, o que também permite desfrutar da complementaridade com que se enriquecem mutuamente (ver tábua de conteúdo

no final desta recensão). Os estudos foram todos «agora revistos e atualizados e em alguns casos reestruturados a fundo» (p. 9), sendo desde logo evidentes as referências bibliográficas recentes, assinalando ao leitor a atualidade destes estudos que exploram temas afins aos trabalhos em curso por outros autores. Os estudos são particularmente ricos em referências à documentação textual e à literatura relevante, como é habitual nos trabalhos de Gregorio Piaia, que primam pela erudição, aliando o desemaranhamento das perspectivas historiográficas com a análise aprofundada dos textos e a fina elegância em exposições tão claras quanto sugestivas. A lista de publicação ou apresentação original de cada texto encontra-se nas pp. 11-13, ajudando a perceber que muitos destes estudos resultam de momentos comemorativos, mas também que, de entre a vasta produção do autor, foram selecionados pelas afinidades de tema e de método que mantém entre si.

O título do volume sublinha objetivos e interesses do Autor: o aparente paradoxo do título inspira-se na sabedoria que se esconde sob loucura elogiada com ironia por Tomás Morus, de onde sobressai a intenção expressa também no subtítulo: contribuir «para uma história intelectual do Renascimento europeu». Cada um destes conceitos encontra expressão poliédrica em cada um dos estudos, autênticos ensaios de método para uma história intelectual, onde a conexão cronológica de textos e filósofos oferece muito mais do que um simples jogo de descoberta das fontes e onde a filosofia é mais que um simples conceito para descrever as variações do pensamento, ou as diferenças entre as suas escolas. Devemos ter presente que Gregorio Piaia, Professor de História da Filosofia na Universidade de Pádua, é um mestre da historiografia da Filosofia, prolongando o trabalho de direção da *Storia delle storie generali della Filosofia*, em 5 volumes, iniciada em 1979 por Giovanni Santinello e que Piaia codirigiu a partir do volume II e dirigiu a partir do vol. IV.1 (atualmente em curso de tradução para inglês sob o título *Models of the History of Philosophy*, Srpinger, 1993 e seg., também em 5 volumes). Se neste volume não encontramos estudos diretamente relacionados com a outra das suas grandes áreas de interesse, o pensamento político do final da Idade da Idade Média, especialmente Marsílio de Pádua, encontramos sobretudo o interesse pelo pensamento do Renascimento e pela historiografia da Filosofia, dos séculos XVII a XX. Além de autopsiar textos para encontrar as fontes que se escondem sob as ideias feitas ou transmitidas, ou aquelas que afloram como sintoma de um contexto sócio-político e cultural, Piaia procura surpreender num texto, numa pintura, numa troca de correspondência, em referências cruzadas, em encontros fortuitos, as formas de constituição do pensamento no tempo, através dos modos como as ideias se combinam e recombina, conflituam e discutem,

são defendidas ou censuradas, são denunciadas ou acolhidas. Está traduzida para português uma das obras de Gregorio Piaia onde reflete sobre os mecanismos de constituição e transmissão da filosofia e como os pensadores entendem e constroem a própria história da filosofia: *Entre passado e imaginário. O passado da Filosofia na Idade Média* (trad. M.N. Costa e L.A. De Boni, Porto Alegre 2006). Sobre o tema é indispensável o seu livro *Il lavoro storico-filosofico. Questioni di metodo ed esiti didattici* (Padova 2001, 2ª ed.), também ele um volume de recolha de estudos revistos.

*Sapientia e folia* coloca-se sob o signo de Erasmo, com um jogo de palavras inspirado no *Encomium moriae* (*O elogio da loucura*) de 1509, essa mordaz mas elegante sátira intemporal da sociedade e do saber pretensioso. O *moro-sophos* ‘sábio-louco’ que o humanista de Roterdão retoma de um diálogo filosófico satírico de Luciano de Samosata, como é recordado no prefácio e em vários dos estudos, ecoa também na *Utopia* de Tomás More, a quem o *Encomium* é precisamente dedicado com um amigável e divertido jogo de palavras entre *moriae* e *Morus*. Como veremos, um grupo de estudos gira em torno desse oximoro e da amizade entre estes dois homens e das suas obras, ilustrando de modo prático os contornos do que pode ser a *storia intellettuale*, num momento crucial de nascimento da Europa onde o loucura e a sabedoria se transmutam vezes sem conta, com ironia e com seriedade, mantendo o saber em abertura crítica permanente, que é preciso entender no seu significado maior como um dos elementos intrínsecos e duradouros dessa Europa moderna em formação. Para o Autor estes estudos pretendem contribuir para uma história intelectual a qual «pelo seu caráter fortemente inclusivo se distingue da tradicional história da filosofia do Renascimento e das conexas discussões sobre a pertença ou não de um certo autor ao cânone dos ‘filósofos’, concebido com critérios mais ou menos exclusivistas» (p. 8).

O volume tem organização cronológica segundo os temas e autores estudados, começando no final da Idade Média com o mais renascente dos medievais, o germânico Nicolau de Cusa e o breve opúsculo *De pace fidei* que abre o diálogo às religiões, sem defesa do sincretismo, ao procurar compreender como seria possível estabelecer a paz perpétua na religião. Os restantes estudos apontam todos para metamorfoses do diálogo em diferentes domínios do saber.

Os três estudos seguintes (IIº-IVº) procuram as expressões da filosofia em representações plásticas e pictóricas procurando dilucidar os seus segredos. A análise de uma gravura de Dürer que representa a *Philosophia* e o confronto interpretativo entre a *Escola de Atenas* de Rafael e *Os três filósofos* de Giorgione, são particularmente exemplificativos desse caráter inclusivo de saberes e contributos

que se alargam para fora dos simples textos filosóficos, para tentar compreender as variações na representação da Filosofia e dos filósofos. Permita-se uma recomendação particular de atenta leitura do estudo sobre Rafael e Giorgione, onde a pluralidade de interpretações discutidas deixa ainda espaço para a emergência de sugestões novas e de ligações inesperadas que aprofundam as possibilidades de compreensão dos gestos e dos símbolos que fazem a singularidade do fresco e do quadro.

O mais extenso grupo de estudos (do Vº ao XIº) ocupa-se então da fonte de inspiração primeira para o título do volume, o *Elogio da loucura* de Erasmo e o diálogo que através dessa obra se estabelece com Tomás More e a *Utopia*. Discute-se a questão da morte no diálogo *Funes* de Erasmo, glosa-se também a derrisão a que Erasmo submete as discussões dos filósofos e no terceiro estudo deste grupo discute-se a guerra e como ela é tratada em diferentes textos de Erasmo e na *Utopia* de More. Com sagacidade e penetração é-nos mostrado como, sem referências diretas entre si, os dois amigos dialogam à distância, com o que mutuamente vão colhendo e trocando através das suas obras. O oitavo estudo contribui para uma leitura histórico filosófica da cidade ideal propondo o estudo da presença de Demócrito na *Utopia*, onde nunca é mencionado. Piaia encontra nesse ausente Demócrito o traço de união entre o *Elogio da loucura* e a *Utopia*, vendo nele o númen tutelar desta obra. Na dedicatória do *Elogio* Erasmo havia comparado o seu amigo Morus ao filósofo grego Demócrito, que na *Utopia* tem uma correspondência visual e de carácter no personagem Rafael Hitlodeu, que Piaia dissecou com cuidado cirúrgico e erudita mestria, identificando descrições interpretadas em chave alusiva, que denunciam proximidade com os modos tradicionais de apresentar Demócrito como o filósofo que de tudo ri. Os estudos IX e X tratam ainda de dois temas moreanos, a compreensão da vida e a questão da evangelização e da liberdade religiosa, onde, também aqui, a narrativa imaginada de viagens não elidem completamente (antes, dela adquirem novo sentido) a compreensão desses temas inseridos nos factos do tempo a que a própria obra alude, em particular a descoberta do Novo Mundo. O estudo XI discute as metamorfoses da ideia utópica através do contraponto entre dois Tomás More da historiografia, a um lado o More iniciador do pensamento utópico moderno e do outro o More humanista autor de um livro intitulado *Utopia*. A insistência de certas leituras nas características da cidade ideal, que acentuam a ligação com as obras posteriores, acabam por secundarizar o *proprium* da *Utopia*, obra eivada dos valores do humanismo nórdico de forte marca cristã. Estas duas leituras são aqui contrapostas para melhor compreender quer a obra, quer as leituras que dela têm sido dadas.

Os três estudos seguintes (XIIº a XIVº) buscam a presença da Filosofia na obra parenética de dois franciscanos do século XVI, um género literário que poderia parecer inesperado como testemunho de disseminação do conhecimento filosófico, mas que encontra outros exemplos ilustres desde a Idade Média. Nos sermões do minorita Cornelio Musso, «il principe degli oratori sacri del XVI secolo» (p. 173), transparecem alguns temas fortes colhidos no clima cultural do seu tempo ou da tradição doutrinal franciscana passados pelo filtro da sua sensibilidade e formação intelectual e espiritual na Universidade de Pádua, «cidadela do aristotelismo de quinhentos». Esses temas afloram nos seus sermões combinados numa sensibilidade platónico-agostiniana e na tradição franciscana (p. 198), com Aristóteles a ser usado como contraponto para exaltar a *philosophia Christi* de inspiração erasmiana. Também a obra homiliética do minorita observante Francesco Panigarola, que na segunda metade do século XVI pregou nas maiores cidades de Itália com grande sucesso quer junto dos doutos quer da gente comum (p. 195), é repassada para localizar os *exempla* que permitem atestar as referências a filósofos e às doutrinas filosóficas, ao mesmo tempo que se dilucida a sua função na trama argumentativa dos sermões (p. 213).

Dois estudos exploram temas relacionados com o conhecimento da natureza (XVº e XVIº). O primeiro analisa três *exempla* sobre o tema cósmico e genésico da água em diferentes obras de Francesco Patrizio, autor, entre outras obras, da *Nova de universis filosofia* publicada em 1591, uma das mais elevadas expressões da filosofia natural de escopo platónico do século XVI. No segundo discute-se a relação de amizade fundada em estima recíproca e nos interesses culturais comuns que o frade servita Paolo Sarpi e Galileu Galilei partilhavam entre si. A relação de amizade, testemunhada aliás por Tommaso Campanella que em 1639 recordava tê-los visto juntos em 1593 em companhia de Giovan Battista Della Porta (p. 246), encontra expressão nos comuns interesses científicos refletidos quer na correspondência que mantiveram, quer em outras fontes literárias.

O volume encerra com um conjunto de 5 estudos (XVIIº a XXIº) dedicados a outro dos grandes temas em que o Autor é um reconhecido e inovador especialista, a historiografia da filosofia dos séculos XVIII a XX, tendo dedicada prolongada atenção a obras de filósofos que justamente procuraram compreender da filosofia a partir da descrição das dinâmicas e das linhas de continuidade que fazem o seu passado. São propriamente estudos de historiografia da filosofia ou de história intelectual, com sondagens muito precisas e por isso verdadeiros exemplos de método, sobre os aristotélicos paduanos no *Dictionnaire historique et critique* de Pierre Bayle, sobre a longa diatribe de setecentos e de oitocentos

sobre se Petrarca pode ser contado ou não entre os filósofos, sobre o afloramento da questão da identidade nacional ‘italiana’ nos estudos acerca do renascimento na primeira metade de oitocentos, sobre a leitura de Maquiavel por Giovanni Papini e, finalmente, um perfil de Ernest Cassirer enquanto historiador da filosofia renascentista.

Estamos perante uma obra notável pela riqueza temática e pela erudição generosa de Gregorio Piaia, que a cada passo surpreende pelas referências e pelo inesperado das relações estabelecidas entre textos e autores onde essas ligações não eram de todo evidentes ou, se eram conhecidas, são aqui reequacionadas de outro modo, sublinhando outras mediações, assinalando pormenores até então despercebidos.

O trabalho clínico de análise dos textos em busca das referências menos evidentes como traço deixado pela contaminação das ideias que, na sua intertextualidade, dizem como se constrói, se difunde e se exprime a filosofia entendida num sentido não exclusivístico, mas que tudo abarca, pratica-o Gregorio Piaia como dimensão lúdica e fecunda erudição. Num estudo não incluído neste volume («Il padre Athanasius, l’atomista canonico e l’isola-del-giorno-prima. Divagazioni sul Seicento filosofico di Umberto Eco», *Rivista di storia della Filosofia*, 51.2, 1996, 333-340), Piaia aplica o mesmo método arqueológico ao romance de Eco *A ilha do dia antes* (ed. original 1994). Propõe-se encontrar nos estratos do texto os acesnos e alusões com que o autor esconde ou disfarça personagens, factos e ideias da história da Filosofia do século XVII. Nesse breve estudo Piaia decifra e propõe a identificação do que foi escondido nos interstícios da efabulação. Umberto Eco ele mesmo acolheu este jogo erudito, confirmando a leitura sagaz e detalhada de Piaia numa carta que lhe escreveu a 23 de setembro de 1996, pouco depois da publicação do artigo. A carta está publicada na segunda edição do estudo de Piaia, no volume *Consecratio mundi. Festschrift em homenagem a Urbano Zilles*, ed. R. A. Ulmann, Porto Alegre 1998, pp. 404-413, carta a pp. 412-413). Escreve Umberto Eco a abrir a sua carta: «Caro Gregorio Piaia, / le recensioni talora fano piacere e talora no, ma la Sua mi ha particolarmente eccitato perché, com tutto il gusto e la fatica com cui avevo disseminato il romanzo di indici storici, nella speranza puramente ideale che qualcuno riuscisse a coglierle tutti, a trovare il Lettore Modello che quase non mi attendevo, non posso que essere felice» e prossegue na confirmação dos vários casos e aspetos que Piaia identificara de forma brilhante, sob as alusões ludicamente espalhadas pela obra.

Lendo estes trabalhos não surpreende o reconhecimento e comprazimento de Umberto Eco por ter encontrado em Piaia o leitor ideal, com o otimismo con-

firmado de que esse leitor modelo existe mesmo. Podemos sem dificuldade imaginar que também Nicolau de Cusa, Dürer, Rafael e Giorgione, Erasmo e More, Musso, Panigarola, Patrizi, Galileu e Sarpi, Bayle, os historiógrafos da filosofia de setecentos e oitocentos, Papini ou Cassirer, também seguramente reconheceriam surpreendidos que o que neles permaneceu como alusão ou impensado fica afinal patente e a descoberto quando encontra um leitor inteligente e erudito. Felizmente Piaia partilha com os seus próprios leitores os preciosos achados que contribuem para pensar com disciplinado rigor a historiografia da filosofia e a história intelectual da Europa da Idade Média ao século XX.

Sommario: Premessa (7-9); Nota editoriale (11-13); Abbreviazioni (14); I. «Il duplice volto del *De pace fidei* di Nicolò Cusano» 15-37); II. «La cultura filosofica a Padova nell'età del Mantegna (39-45); III. «Il *medium aevum*, l'«età nuova» e le quattro età della *Philosophia*. Postille a un'incisione di Albrecht Dürer» (47-62); IV. «Per un raffronto tra la *Scuola di Atene* di Raffaello e i *Tre filosofi* di Giorgione» (63-78); V. «Il 'morosofo' e la morte. In margine al *Funus erasmiano*» (79-88); vi. «Sulla follia plurima dei filosofi. Brevi chiose ad Erasmo» (89-109); VII. «Il 'morosofo' e la guerra. Un dialogo a distanza fra Erasmo e Thomas More» (93-109); VIII. «Democrito in *Utopia*. Spunti per una lettura storico-filosofica della città ideale» (111-135); IX. «I volti della vita in Tommaso Moro» (137-152); X. «Evangelizzazione e libertà religiosa in *Utopia*» (153-159); XI. «Da un Tommaso all'altro. La metamorfosi dell'idea utopica» (161-172); XII. «*Ars praedicandi* e messaggi politici in Cornelio Musso» (1511-1574) (173-189); xiii. «Visto dal pulpito. Aristotele nelle prediche di fra Cornelio Musso» (191-209); xiv. «I filosofi e la filosofia nelle prediche di Francesco Panigarola» (211-220); xv. «Tra misticismo neoplatonico e 'filosofia dei fiumi'. Il tema delle acque in Francesco Patrizi» (221-243); xvi. «Galileo e Sarpi. Due 'menti parallele'» (245-250); xvii. «Gli aristotelici padovani al vaglio del *Dictionnaire historique et critique*» (251-269); xviii. «'Petrarcha an inter philosophos referendus'. Francesco Petrarca nella storiografia filosofica del Sette-Ottocento» (271-284); xix. «Rinascimento e identità nazionale nella storiografia filosofica italiana e francese del primo Ottocento» (285-308); xx. «Contro i 'custodi di vetrine ben separate'. Il Machiavelli di Papini» (309-316); xxi. «Ernst Cassirer storico della filosofia rinascimentale» (317-332). Indice dei nomi (333-350); Illustrazioni 333 (I-VII).

José Meirinhos

(Faculdade de Letras

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)